

JONATHAN HAIDT  
RESUMO

Entrevista especial

Por Luciana Thomé

## Fundamentos morais e treinamentos de diversidade

Uma conversa sobre educação, moralidade, responsabilidade, ética e ciência. Estes foram os principais elementos trazidos pelo psicólogo social norte-americano Jonathan Haidt no segundo evento da temporada 2020 do *Fronteiras do Pensamento*. A pedido do conferencista, a transmissão *on-line* na plataforma digital do projeto foi organizada no formato de entrevista especial e conduzida pelo filósofo Luiz Felipe Pondé.

A primeira pergunta foi centrada nas questões de liberdade de expressão e de aprendizagem. Segundo Haidt, em determinado momento de 2013, alunos universitários começaram a pedir mais controle de expressão, pois as universidades estariam ensinando conceitos distorcidos e sem sentido. Assim, Haidt e Greg Lukianoff escreveram *The Coddling of the American Mind: How Good Intentions and Bad Ideas Are Setting Up a Generation for Failure*, publicado em 2018. O livro traz as três inverdades acerca da educação: 1) o que não mata você o torna mais forte; 2) questionar o seu sentimento e aprender técnicas que vão ajudá-lo a encontrar a verdade; 3) a vida é uma batalha entre pessoas boas e pessoas más. “Nós acreditamos que essas três ideias, muitas vezes, são comuns e inibem uma boa educação. É difícil ter uma boa formação se você aceita essas três ideias, e o livro é basicamente sobre isso”, afirmou.

Em países como os Estados Unidos e o Brasil, os conflitos políticos têm aumentado muito. O psicólogo falou também sobre as ações rotuladas de “caça às bruxas”. “Há uma dinâmica social encontrada em muitos lugares e que sociólogos já estudaram. Eles chamam isso de uma ‘caça às bruxas’ e se refere a situações em que alguém faz algo que parece muito pequeno e a ofensa inicial talvez seja muito pequena. Mas o ato é interpretado como um sinal de algum tipo de mal, e outros rotulam esta pessoa de bruxa. Já vimos isso em contextos políticos, por exemplo, com pessoas sendo chamadas de comunistas ou outras coisas”, explicou.

Ao mesmo tempo, por questões de violência e insegurança, os pais criam os filhos com muita superproteção. De acordo com Haidt, mesmo com os limites, é necessário estar atento à criatividade da criança. “Vimos que, em alguns setores, as crianças não se tornam ‘mimadas’ se tiveram tempo suficiente para brincar. Esta limitação pode desacelerar o seu desenvolvimento. Elas podem ser superprotegidas, mas a literatura técnica afirma que as brincadeiras livres são a melhor maneira de as crianças aprenderem como o mundo funciona. É um preparo excelente para a democracia.”

Apresentação

Braskem

Patrocínio



Empresa  
Parcela

UNICRED



Apoio  
Educativo



Promoção

Grupo RBS

Universidade  
Parcela



Haidt respondeu sobre a questão de qual é o primeiro passo para a humanidade se reinventar. E começou destacando: muitas vezes, queremos evitar as pessoas. Mas é incontestável que aprendemos muito com elas. É neste contexto que surgem as manipulações e as *fake news*. “Queremos que as pessoas coloquem suas ideias e seus sentimentos, mas eu acho que agora é necessário ter responsabilidade e policiar a verdade financeira. Não sou extremista de liberdade de expressão. No entanto, plataformas como o Facebook e outras empresas divulgam opinião pública sem nenhum tipo de filtro, enquanto nos jornais há controle editorial. Estamos tentando encontrar formas de adaptar o controle ao grande volume de manipulações que ocorrem. Eu não tenho uma boa resposta ainda.”

Uma das etapas para entender de psicologia social é ter humildade, admitir que é impossível saber de tudo e se beneficiar disso. “Primeiramente precisamos nos expor à vasta diversidade da humanidade em todas as suas possibilidades de variabilidade e, principalmente, à diversidade moral. Precisamos entender o espectro da humanidade. Algo que uma boa educação fará, assim como a antropologia e vários cursos universitários podem construir. Mas para alcançar a reinvenção é algo ambicioso e assustador”, declarou.

O escritor moçambicano Mia Couto trouxe uma questão para Haidt: se ele ainda mantinha as declarações, no início da pandemia, de que os esforços coletivos poderiam ter um efeito pacificador no mundo polarizado. “Eu achei que a experiência compartilhada em tantos países diferentes nos ajudaria. Ficamos chocados com os italianos nas suas sacadas, com os chineses desejando tudo de bom para os italianos. Então, parecia que estávamos mesmo passando por algumas experiências grandiosas juntos pela primeira vez nas nossas vidas. Eu estava muito esperançoso. Mas depois me dei conta de que as pandemias, tradicionalmente, não têm esse efeito. As pessoas ficam com medo umas das outras, elas têm medo de se aproximar.

Para o psicólogo, a Covid-19 virou um jogo político. “Os nossos líderes têm utilizado a pandemia para formatar fins políticos, distanciando-se inclusive do que dizem os cientistas. Pelo menos nos Estados Unidos. Isso acabou dividindo muito as pessoas. Até sobre o uso de máscaras.”

Ele explicou que a teoria das falhas dos fundamentos morais, desenvolvida por ele e por colegas, pode nos ajudar a melhorar o mundo atual. “Não estou dizendo que precisamos gostar do outro lado, mas isso sempre ajuda. É sempre uma coisa boa tentar entender como que eles veem o mundo. Você pode achar que estão errados, que eles estão buscando questões que são ruins para o mundo. Mas essa é a falha do fundamento moral, e o sentimento diz que não há apenas uma visão. Também ajuda a sermos mais tolerantes sobre a diversidade de quem nos auxilia.”

Muitos dos fundamentos morais estão baseados no mundo laico e secular. “Sou ateu. Não acredito num Deus que não se criou. O nosso sentido moral é o progresso da evolução. Pelo menos os fundamentos morais são produto da evolução, mas não podemos viver de formas diferentes. Por muito tempo a religião teve um papel importante em como interpretar as nossas obrigações para uns com os

Apresentação

Braskem 

Patrocínio



Empresa  
Parcela



Apoio  
Educativo



Promoção



Universidade  
Parcela



outros, deuses e nossos governantes. E hoje, como a religião é uma força menor, é uma das regiões em que se tem a secularização de muitas coisas.”

Para Haidt, este é um momento em que precisamos refletir sobre identidade e raça, sobretudo se há algumas formas de política de identidade que podem dar errado. “Mas é necessário ter mudanças de fato. Espero que o que resultará serão diversas formas de treinamento de diversidade que sejam eficazes e que funcionem bem. Precisamos disso”, finalizou.

Apresentação

**Braskem** 

Patrocínio



Empresa  
Parceira



Apoio  
Educcional



Promoção



Universidade  
Parceira

